

102
102

A.

M



CINEMA

SEMANARIO
CINEMATOGRAFICO

tra
sua
para
dade

da
dar
gr
u
f
t
n

de

endi-
sobre a
ontinua-
certo

NUMERO 1

PRECO 1500

Na capa: — Janet
Gaynor e Warner
Baxter, numa cena
de «O Papá das
Pernas Altas»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da E. A. AQUILA
Rua Duque de Saldanha, 31
PORTO

Paramount Films s.a.

a marca dos grandes exitos



Acaba de apresentar no TIVOLI de Lisboa, com o maior sucesso, o grande filme

Ruas da Cidade

com Sylvia Sydney e Gary Cooper

magistral realização de Ruben Mamoulian



RUAS DA CIDADE, que obteve em Lisboa consagração igual à que alcançou em todo o mundo, sendo elogiada como um dos mais perfeitos fonofilmes até hoje apresentados, será brevemente estreado no TRINDADE, do Porto



Ruas da Cidade

É UM FILME PARAMOUNT





Nos estúdios da "M-G-M", encontram-se os mais diversos tipos de girls, capazes de satisfazerem os mais exquisitos paladares cinéfilos...

O Cantinho dum Cinéfilo

Acaba de sair no «Diário do Governo» a portaria dissolvendo e louvando a comissão que havia sido nomeada oficialmente para estudar a industrialização da produção fono-cinematográfica em Portugal, comissão que apresentou já o seu relatório.

Congratulo-me com o caso e felicito os membros da referida comissão.

Resta saber se ela não fez trabalho baldado, e se o relatório em questão não irá dormir aquela soneca que entre nós precede quasi sempre a efectivação dos grandes projectos, se não a inutiliza, por vezes.

É certo que tal relatório, que termina por mostrar a necessidade do auxilio do Estado na industrialização em referencia, apenas muito ao de leve aborda as facilidades que ao Estado pertence conceder, e muito abstratamente as enumera. Mas, por isso mesmo, há que persistir no assunto, e não deixar que a oportunidade se perca.

Se não, quando começarmos a fazer cinema sonoro a valer — já o cinema sonoro está fóra de moda.

Tal qual como no «silencioso». Que afinal, quasi nem principiámos a fazer filmes silenciosos, a valer!



João Portugal, o velho camarada que há anos se encontra em Hollywood, acaba de me escrever desculpando-se da sua falta de regularidade na correspondência que prometera para o jornal «Cinema», e assegurando-me uma futura assiduidade na remessa das suas notícias da «capital das imagens».

Agora, mais do que anteriormente, «Cinema» precisa bem da correspondência de João Portugal, porque «Cinema» quer dar aos seus leitores uma desenvolvida informação cinematográfica, com todas as garantias de autenticidade, informação up-to-date, condigna com o seu aspecto gráfico e com as benéficas projectamos e que procuraremos ir pondo em prática. Em nome dos nossos leitores, um abraço de agradecimento a João Portugal.



Charles Delac, presidente da Camara Sindical Francesa de Cinematografia, escreveu ao «Film-Kurier», de Berlim, uma

carta na qual protesta energicamente contra o facto de os filmes falados em alemão feitos em Paris não receberem na Alemanha o acolhimento lisonjeiro com que a França tem recebido os filmes falados em francês, feitos em Berlim.

O sr. Delac pode ter razão. Mas também pode deixar de a ter.

Ora vejamos: Se os filmes falados em alemão feitos em Paris, que a França tem mandado para a Alemanha, forem da qualidade de «Sob os Telhados de Paris», «O Sr. Director», «O Rei dos Borlistas» e «O Milhão», o sr. Delac tem toda a razão no seu protesto. Mas se a França tem para lá mandado filmes em alemão do nível de alguns em francês que tem sabido impingir aos nossos alugadores — então fez muito mal em protestar.

Porque, os filmes em francês que a Alemanha tem mandado para França, são todos da força de «O Caminho do Paraíso», «A's Ordens de Vossa Alteza», «Em Redor dum Inquérito», «O Cruzeiro do Amor» e «Congresso que Dança». Bem mau!...



Na ocasião em que escrevo estas linhas, novos entendimentos deve haver em Paris, com a «United Artists», sobre a aquisição de «Luzes da Cidade» para Portugal.

Parece-me que se está procedendo muito mal. Continua-se com propostas por aquela casa, oferecendo-se, de-certo, quantias que o mercado português difficilmente poderá amortizar.

Conta-se com o nome de Chaplin. Com o exito do filme, lá fóra. Com a ansiedade do público. Mas esquece-se que «Luzes da Cidade», com todas as suas invulgaes qualidades, pode não chegar a entusiasmar as nossas plateias. Esquece-se que o público, amimado como foi a época passada, exigente como está nesta época, quando lhe perguntarem, após a estreia: «Então, que tal, «Luzes da Cidade»?», pode muito bem responder a gaguejar: «Sim... não é mau... tem piada... vê-se!...»

É «Luzes da Cidade» custa ainda mais de dez mil dollars — e custará enquanto os nossos alugadores estiverem desconfiados uns dos outros, enquanto não fizerem entre si um pacto que todos cumpram.

O Papá das Pernas Altas

Produção «Fox». Realização de Alfred Santell. Apresentado pela Companhia Cinematográfica de Portugal
PRINCIPAIS INTERPRETES
Janet Gaynor e Warner Baxter



Judy, uma pobre rapariga que a Mãe abandonou à nascença, foi recolhida e educada num orfanato. Mais velha do que todas as outras crianças, era adorada por elas, pois sabia trata-las com uma ternura que nunca lhes dispensara a directora, a qual não só abusava da humildade de Judy, exigindo-lhe um esforço de trabalho superior às suas forças, como frequentemente lhe fazia lembrar que estava ali por caridade.

Um dia, os bemfeitores do orfanato resolveram visita-lo. Ia com eles um milionário, Jervie Pendleton, que um imprevisto acontecimento inspirou a adoptar a pobre rapariga, internando-a num dos melhores collegios da capital. Mas, havia uma condição: nunca poderia saber quem era o seu generoso protector.

Judy só conseguiu ver a sua sombra através duma janela, e, mesmo assim, horrivelmente deformada, com umas pernas gigantescas, do que resultou Jervis ficar sendo para ela «O Papá das Pernas Altas»...

Visitando a sobrinha no collegio, Pendleton encontra-se com Judy. Sentem-se mutuamente atraídos e quando Judy lhe confessa que ama o seu desconhecido «Papá das Pernas Altas», Pendleton assegura-lhe que o Papá também a ama.

Pendleton manda Judy para a quinta da sua ama, a fim de lá passar o verão. Depois vai ali de automovel para a ver. Na ideia de que elle venha de comboio, Judy vai espera-lo à estação. Quando Jervis chega à quinta encontra-se apenas com Jimmy McBride, estudante, que faz a corte a Judy. McBride diz a Pendleton que Judy e elle estão comprometidos. Pendleton, ferido, vai-se embora e não procura tornar a vê-la senão no dia em que ella completa o seu curso. Diz-lhe então que tinha ido à quinta para se declarar, mas que um obstaculo o havia impedido de o fazer. Ignorando a interferencia de Jimmy no caso, Judy supõe que elle se refere ao seu nascimento e afirma-lhe que, de facto, o obstaculo subsiste.

Depois de Jimmy completar o curso, Jervis oferece-lhe uma colocação, procurando fazer tudo quanto pode pelo futuro marido de Judy. Fica, porem, surpreendido quando o rapaz lhe explica que Judy está apaixonada por elle, Pendleton. Judy, que também se apressa a ir a casa de Pendleton, para perguntar ao «Papá das Pernas Altas» se pode casar com Pendleton, encontra-o no vestibulo, dá-lhe conhecimento do seu desejo e obtém como resposta que o «O Papá das Pernas Altas» a espera na biblioteca. Apressa-se a ir lá e, ao entrar fica sabendo que o seu apaixonado e o seu tutor, são uma e a mesma pessoa: «O Papá das Pernas Altas».

Janet Gaynor, numa cena de
"O Papá das Pernas Altas"



Um bom «copain» em «O Caminho do Paraíso», garboso oficial em «As Ordens de Vossa Alteza», milionário de profissão e gatuno nas horas vagas em «Flagrante Delito», «montparno» em «A Margem Esquerda», Henry Garat aparece-nos agora em «O Congresso que Dança» — sentido, ó camaradas cinéfilas! — no papel de Alexandre I

CZAR DE TODAS AS RUSSIAS

Foto «UFA»

O inquérito do "Der Deutsche"

Como nos anos anteriores, o diário alemão «Der Deutsche» organizou em fim de 1931 o seu costumado inquérito, pelo qual pretende saber quais os filmes exibidos em 1931 que mais impressão fizeram. Esta pergunta é dirigida a vários actores, actrizes, jornalistas, realizadores, literatos e várias individualidades em destaque em todo o mundo, os quais, este ano, deram a maioria de votos a «Raparigas de Uniforme» («Maedchen in Uniform»), uma produção de Carl Froelich dirigida por Leontine Sagan, uma realizadora que está sendo muito discutida na Alemanha. É curioso fazer notar que, de há 4 anos para cá, é a primeira vez que um filme alemão obtem a primeira classificação no inquérito do «Der Deutsche» e que a França, que nos últimos dois anos obteve os primeiros premios, não conseguiu este ano ver qualquer dos seus filmes entre os 10 primeiros classificados. Eis os 10 filmes mais votados:

- 1.º — RAPARIGAS DE UNIFORME (Maedchen in Uniform), de Leontine Sagan, com Hertha Thiele e Dorothea Wieck, da «Deutsche-Filme-Gemeinschaft».
- 2.º — O CONGRESSO QUE DANÇA (Der Kongress Tanzt), de Erik Charell, com Lilian Harvey e Willy Fritsch, da «Ufa».
- 3.º — CIMARRON (Cimarron), de Wesley Ruggles, com Richard Dix e Irene Dunne, da «RKO-Radio».
- 4.º — A TRAGÉDIA DA MINA (Kameradschaft), de G. W. Pabst, com A. Granach, Fritz Kampers e Georges Charlia, da «Nero-Film».
- 5.º — MONTES EM CHAMAS (Berge in Flammen), de Karl Hartl e Luis Trenker, com Lissi Arna e Luis Trenker, da «Delac e Vandal».
- 6.º — O CAMINHO DA VIDA (Der Weg ins Leben), de Nikolai Eif, com N. Bataloff e J. Kurla, da «Meschrabpom».
- 7.º — SKIPPY (Skippy), de Norman Taurog, com Jackie Cooper e Robert Coogan, da «Paramount».
- 8.º — MATOU (M), de Fritz Lang, com Peter Lorre, da «Nero-Film».
- 9.º — MARROCOS (Morocco), de Josef von Sternberg, com Marlene Dietrich e Gary Cooper, da «Paramount».
- 10.º — O ASSASSINATO DE DIMITRI KARAMASSOFF (Der Moerder Dimitri Karamassoff), de Fedor Ozep, com Anna Sten e Fritz Kortner, da «Terra-Film».

Damos a seguir as preferencias de alguns individuos a quem se dirigiu «Der Deutsche»:

Benito Mussolini, presidente do governo italiano — «Trader Horn», de Van Dyke.

Max Jungnickel, escritor alemão — «Matou».

P. A. Harlé, de «La Cinématographie Française» de Paris — «O Milhão», de René Clair.

Livio Pavanelli, actor italiano — «O Congresso que Dança».

Bré, de «Pour Vous», de Paris — «Ruas da Cidade», de Ruben Mamoulian.

Marie Dressler, actriz americana — «Faltalidade», de Von Sternberg.

André Maurois, escritor francês — «Jean de la Lune», de Marcel Achard.

Fritz Lang, realizador alemão — «O Caminho da Vida».

Camilla Horn, actriz alemã — «A Tragedia da Mina».

Gaston Thierry, do «Paris-Midi», de Paris — «O Congresso que Dança».

René Clair, realizador francês — «L'Ennemi dans le Sang», de Walter Ruttmann.

Dr. Spiros Markezinis, do «Kinematographikos Astir», de Atenas — «Marrococos».

Bob Reel, do «Chicago Evening American», de Chicago — «Cimarron».

Gustav Ucicky, realizador alemão — «Matou».

Albert Préjean, actor francês — «O Congresso que Dança».

Jean Renoir, realizador francês — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Jack Alicoate, do «Film Daily», de Nova-York — «Cimarron».

Conrad Veidt, actor alemão — «Matou».

Dr. Joachin, tecnico da «Zeiss Ikon», de Dresden — «Monte em Chamas».

Charlie Chaplin, actor do cinema americano — «Enthusiasmus», de Werthoff.

Alexandre Arnoux, de «Les Nouveils Littéraires», de Paris — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Jeanette MacDonald, actriz americana — «Skippy».

Hans-Walter Betz, do «Der Film», de Berlim — «Raparigas de Uniforme».

Dr. Alphons Nobel, chefe da redacção do «Der Deutsche», de Berlim — «Rango».

Asta Nielsen, actriz do cinema alemão — «O Milhão», de René Clair.

Paul Fejos, realizador, em França — «Transatlantic», de K. Howard.

Otto Kantureck, operador alemão — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

J. B. Carrigan, do «Movie Makers», de Nova-York — «Tabu», de Murnau.

Willy Forst, actor alemão — «Matou».

Guenter Stapanhorst, produtor alemão — «Raparigas de Uniforme».

Alberto Cavalcanti, realizador em França — «Ruas da Cidade», de Ruben Mamoulian.

Diana Karenne, actriz do cinema alemão — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Paul Roth, do «Film Group», de Londres — «O Assassinato de Dimitri Karamassoff».

Paul Bern, realizador na América — «Ruas da Cidade», de Ruben Mamoulian.

Albert Schneider, do «Film-Journal», de Berlim — «Raparigas de Uniforme».

Alberto Armando Pereira, do «Cinema», de Porto — «Matou».

A próxima fita de Maurice Chevalier será principiada em Março

«Love Me Tonight» («Ama-me esta noite»), a próxima fita de Maurice Chevalier para a «Paramount», será principiada em Março, sob a direcção de Ruben Mamoulian, o famoso director de «Ruas da Cidade».

Jeanette MacDonald é a primeira actriz, tendo o pequeno Robert Coogan um dos principais papeis da película.

A título de curiosidade, damos a seguir as listas dos filmes premiados em 1928, 1929 e 1930:

1928	1929	1930
1.º — O PATRIOTA, de Lubitsch, com Emil Jannings.	1.º — OS NOVOS SENHORES, de Feyder, com Albert Préjean.	1.º — SOB OS TELHADOS DE PARIS, de René Clair, com A. Préjean.
2.º — JOANA D'ARC, de Carl T. Dreyer, com Falconetti.	2.º — ALELUIA, de King Vidor, interpretada por negros.	2.º — A OESTE, NADA DE NOVO, de Lewis Milestone, com Lew Ayres.
3.º — O CIRCO, de Chaplin, com Chaplin.	3.º — O CANTOR LOUCO, de Lloyd Bacon, com Al Jolson.	3.º — O ANJO AZUL, de Von Sternberg, com Marlene Dietrich.
4.º — ESCORIA SOCIAL, de Von Sternberg, com Bancroft.	4.º — PRISIONEIRO DA MONTANHA, de Arnold Fanck e G. W. Pabst, com Leni Riefenstahl.	4.º — QUATRO DE INFANTARIA, de G. W. Pabst, com Gustav Diesel.
5.º — SOMBRAS BRANCAS, de Van Dyke, com Raquel Torres.	5.º — O CADAVER VIVO, de Fedor Ozep, com Poudovkin.	5.º — ANNA CHRISTIE, de Clarence Brown, com Greta Garbo.
6.º — A ULTIMA ORDEM, de Von Sternberg, com Jannings.	6.º — SOLIDÃO, de Paul Fejos, com Barbara Kent.	6.º — ZWEI HERZEN In 3/4 TAKT, de Geza von Bolvary, com Grett Theimer.
7.º — A HORA SUPREMA, de Frank Borzage, com Janet Gaynor.	7.º — TEMPESTADE NA ÁSIA, de Poudovkin, com Inkschnoff.	7.º — COM BYRD NO POLO SUL, de Joseph Rucker e Willard Van der Beer.
8.º — O FIM DE ST. PETESBURGO, de Poudovkin, com A. Tschidáakoff.	8.º — A PARADA DO AMOR, de Lubitsch, com M. Chevalier.	8.º — BRAND IN DER OPER, de Carl Froelich, com Gustav Gruendgens.
9.º — A MULTIDÃO, de King Vidor, com James Murray.	9.º — AS DOCAS DE NOVA-YORK, de Von Sternberg, com Bancroft.	9.º — O PRESIDIO, de George Hill, com Wallace Beery.
10.º — O CANTO DO PRISIONEIRO, de Joe May, com Lars Hanson.	10.º — ATLANTIC, de Dupont, com Lucie Mannheim.	10.º — DESENHOS ANIMADOS DO RATO MICKEY, de Walt Disney.

Como complemento, devemos acrescentar que, no inquérito de 1931, os filmes mais votados, depois dos 10 indicados, foram: «O Milhão», de René Clair, «Tabu», de Murnau, «An American Tragedy», de Von Sternberg, «Street Scene», de King Vidor, «Trader Horn», de Van Dyke e «Rango», de Ernst Schoedsack.



Janeiro é um mês de muito trabalho nos estúdios da «M-G-M»

O mês de Janeiro apresentou-se com boa cara, porque tem havido muito que fazer nos estúdios da «M-G-M».

Joan Crawford, que há pouco terminou «Possessed», está já interpretando «Letty Lynton» sob a direcção de Clarence Brown. Marie Dressler e Polly Moran, que actualmente formam um team em comédias que tem sido muito apreciadas, preparam-se para interpretar «Prosperity», que Leo McCarey dirigirá. «Grand Hotel» deve ser começada por estes dias, com Greta Garbo na protagonista. O realizador Tod Browning começou já os preparativos para a sua próxima fita, ainda sem título fixado, cuja acção decorre nos mares da China.



Nesta semana fazem anos:

- Jan. 22 — Conrad Veidt.
- 22 — David W. Griffith (realizador).
- 23 — Raymond Griffith (37).
- 23 — Harry Pollard (realizador).
- 24 — S. M. Eisenstein (realizador).
- 24 — Paul Fejos (realizador).
- 24 — Jack Hoxie (42).
- 25 — Louise Fazenda (33).
- 27 — Willy Fritsch.
- 28 — Ernst Lubitsch (realizador).
- 28 — Charles Morton (25).
- 29 — Albert Conti,

É assim se escreve a história...

O nosso correspondente em Hollywood, João Portugal, acaba de nos escrever uma carta, que hoje não podemos publicar, por falta de espaço, mas que inseriremos no próximo número.

Acompanhando essa carta, vem um recorte dum jornal americano, que nos apressamos a reproduzir, para que não perca a oportunidade. Nele se dá

“Spr
try's farce, “1.
ng Clothes”; Alfred Sa
ressmaker of Paris,” and Micha
Arten's “Lily Christine.”

Portuguese-Brazilian Film Co.
Lisbon—Leitao de Barros, prominent Portuguese film producer, has gone to Brazil to look into the possibilities of forming a joint Portuguese-Brazilian company for the production of talking pictures in Portuguese. He represents the Junta of National Education and will make his report to the government.

Shorts at Joinville
Paris—Paramount is to embai
short subject prod
studio.

conta da partida de Leitão de Barros para o Brazil, onde foi estudar as possibilidades da formação duma companhia luso-brazileira para a produção de filmes em português...

Quem seria o correspondente que enviou para a América tal notícia? É assim que se escreve a História...

b
hin.
C. S
M.

Ci
to
w
c

O Reino dos Feios

Os tempos vão mudando e o cinema evoluciona em busca de ideais mais artísticos e mais perfeitos. As sombras animadas tornam-se humanas e falam; as histórias primitivas e absurdas, com heróis irreais, com salvações de folhetim e finais de beijos inevitáveis, desaparecem para dar lugar a enredos lógicos onde se debate um con-

puras, a harmonia estética de um galã de correctas feições. Na verdade, o cinema tem estado cheio de rapazes que só contavam com as suas feições e que não mostravam um gesto inteligente através dos seus olhos sonhadores.

Em geral, as meninas cinéfilas e românticas sentiram-se sempre satisfeitas

A «Paramount» foi uma das primeiras empresas a pôr em destaque elementos de valor, mas que não eram meninos bonitos. Referimo-nos a George Bancroft e a William Powell, duas personalidades cheias de dinamismo e de actividade, mas com feições que facilmente os fariam triunfar num concurso de fealdade...

Alguns meses depois do triunfo de Bancroft e de Powell entrava em Hollywood o grande Maurice Chevalier, herói de «boulevard» com uma personalidade magnética e atraente como poucos actores possuem, e que já não é novo nem bonito... Mas Maurice Chevalier é varonil, tem expressões humanas e é um homem em toda a significação da palavra. Por isso reúne todas as condições de agrado para o público de hoje, — que já está cansado de lindas caras, mas sem expressão.

Cecil B. de Mille, sem dúvida um dos génios directoriais mais completos da indústria cinematográfica, deu o papel principal da sua película «Dynamite» a Charles Bickford, um actor já de certa idade que possui o tipo rude de um trabalhador do povo, mas que põe na sua interpretação toda a emoção e todo o sentimento humano. O êxito de Charles Bickford foi formidável, e até as raparigas novas se impressionaram com o aspecto varonil deste galã de quarenta anos, mas que encarna com uma força estranha todo o espirito lutador da sua raça.

Os estúdios da «Fox», cansados de esperar inutilmente um êxito semelhante a «A Hora Suprema», — pensando erradamente que a maior parte do triunfo se devia a Charles Farrell e a Janet Gaynor, quando na realidade foi principalmente a coincidência de um bom tema e de uma boa realização —, voltaram aos seus antigos caminhos e procuram ocasiões de mostrar os feios Victor MacLaglen, Edmund Lowe e Warner Baxter, actores de caracter, que já não são positivamente uns jovens e que estão muito longe de ser o tipo ideal dos galãs de cinema, — mas que encaram a graça varonil de homens que lutaram e que souberam viver e que podem representar no «écran» os tipos característicos da vida americana.

Lon Chaney foi um dos primeiros actores que sem condições de beleza física abriu caminho no cinema: quem sabe se não se deve a êle o começo desta campanha que está a produzir uma elevação artística na qualidade dos intérpretes que aparecem no cinema.

Hoje em dia as fitas faladas exigem um enorme trabalho por parte do realizador e dos intérpretes. Todos teem de estudar o tema conscienciosamente, as frases do diálogo que teem de recitar, sem abandonar uma certa linha estética que a câmara exige para



Da esquerda para a direita. Em cima: William Powell, Jack Oakie e George Bancroft. Em baixo: Victor Mac Laglen e Maurice Chevalier

flito, — e os galãs de rosto perfeito, de nariz bem lançado e de cabelo engomado e lustroso vão cedendo o lugar a homens maduros, de aspecto varonil e rude, — mas mais reais, mais arrancados à vida diária que os astros lindinhos das películas mudas de alguns anos.

Seria um erro discutir a necessidade da beleza física, o agrado das linhas

com a beleza dos galãs queridos, e ainda hoje tem mais popularidade no elemento feminino um Buddy Rogers do que um George Bancroft.

Triste futuro estava reservado ao cinema se a condição essencial de agrado fôsse única e exclusivamente a beleza física do galã, com absoluta omissão das suas qualidades intelectuais ou emotivas.

O público não gosta de os vêr juntos

Tanto Douglas Fairbanks Filho como a sua gentil esposa Joan Crawford têm suficiente personalidade no mundo do cinema para que a glória de um não dependa da glória do outro. Isto é evidente. Se há par que reuna em si simpatia de parte a parte, é este. Todavia, os funcionários da «M-G-M» começaram a notar há algum tempo que, apesar da popularidade de Joan, a receita diminuía consideravelmente em todos os cinemas onde se passavam as suas películas.

Depois de procurarem saber a que era devido este raro acontecimento, descobriram que o público se cansou de vêr em toda a parte o gentil par Crawford-Fairbanks, pois lhe «repugna» pensar que essa estupenda e inquieta loira que é Joan gasta os melhores anos da sua vida a tratar dos labores domésticos, a remendar as piugas do marido, etc., etc.

O público quiere que Joan seja uma rapariga tentadora, ágil, frívola, — como em antes de encontrar «o grande amor da sua vida»...

Os encarregados da publicidade imediatamente suspenderam as suas

fotografias a «duo», as cenas ternas e apaixonadas com que se popularizou o simples e forte amor dos dois jóvens. E até eles próprios decidiram simular a comédia do «esfriamento» entre os dois, pondo ponto final nas demonstrações públicas da sua mutua paixão e afecto.

Mas Hollywood anda escandalizada,

cida e esquisita morena... São boatos sem fundamento... Os dois jóvens estão tam enamorados como no princípio do seu idílio, e apenas querem simular esse «esfriamento» e até uma possível ruptura para satisfazerem as exigências dos funcionários do departamento da publicidade, encarregados de manter a chama sagrada da admira-



Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior, os dois enamorados esposos que o público não gosta de vêr juntos, mas que nós tivemos o capricho de juntar nesta foto

que a fotografia e os efeitos de luz que o público cinematográfico tanto admira não desapareçam. Por isto redobram as dificuldades de interpretação e foi necessário seleccionar os intérpretes de acôrdo com as legítimas condições artísticas. Foi assim que se abriram as portas do cinema a actores que pela sua idade ou tipo estavam muito longe de serem os modelos fotogénicos que o cinema há alguns anos exigia para todos os tipos de interpretação.

O espectáculo cinematográfico vai, pois, abandonando lentamente os limites de certa classe de público — a gente nova, que deseja passar algumas horas de agrado —, para se converter numa distração para todos, para tôdas as culturas e tôdas as camadas sociais.

A gente mōça continuará a apreciar o tipo de películas que desejam, — as histórias sãs, em que triunfa a bondade, e onde os protagonistas principais são jóvens e belos. Os argumentos otimistas de moral ligeira continuam a ser bem apreciados pelas pessoas que encaram a vida a rir. Mas para os outros, para os sizudos, aparecem agora outros tipos de argumentos, com paixões, bocados de humanidade levados da vida para a tela, em que os principais intérpretes, sem pensar demasiadamente em linhas estéticas, em olhos lânguidos e lábios recortados, actuam como seres humanos que sofrem, sentem e vivem.

pois não sabe se ha-de aceitar esta versão, ou se ha-de acreditar os que falam despeitados e invejosos da felicidade tranquila e serena daquele amoroso par. Estes últimos dizem que há algum tempo a esta parte cada um anda por seu lado... Que se divertem e flarteiam separadamente... Há quem afirme até ter visto Doug levar no seu automovel para a praia uma desconhe-

ção e prestígio dos artistas, muitas vezes a troco da sua dignidade e vergonha como homens. Os que se interessam pelo cinema não querem que este par se dedique aos consagrados usos dum pacífico lar. E' então preciso dar lugar a murmurações e boatos...

Teremos agora um novo tema: o alheamento desses dois jóvens, os escândalos da sua conduta em pú-

blico, o barulho dos seus menores gestos...

E eles continuarão na calma do seu lar a ri-se da estupidez dos «fans» e destes caprichos tam tolos...

Por detrás d'êste assunto, que parece tam inocente, há alguma coisa que demonstra uma certa morbidez doentia. O público anônimo prefere o escândalo, a agitação dos desejos irrefreáveis, o pecado... O simples e honesto cidadão, a esposa honrada e virtuosa, que não teem coragem de fazer uma vida desregrada, gostam de ir ao cinema apreciar as vidas escandalosas dos outros...

Uma outra razão em favor desta separação é que inconscientemente certas pessoas começam a abominar o casamento como único modo de estabelecer o amor em bases duradouras. Pensam, e com razão, que uma coisa é o amor e outra o casamento baseado em considerações de ordem mais prática do que sentimental. Nas novelas, nos teatros, no cinema todos querem ver essa renovação nas relações amorosas. E assim, no caso de Douglas e de Joan, queremos admirar cada um separadamente, querem que cada um dêles, sendo um artista de renome, siga independente no seu caminho...



Está decidido que Greta Garbo interpretará «Grand Hotel», para a «M-G-M»

A despeito das dúvidas e dos boatos que surgiram ultimamente na América, Greta Garbo, segundo comunicação oficial que acabamos de receber da «M-G-M», interpretará o papel de Grusinskaja, a dançarina russa que é a protagonista da obra de Vicki Baum, que aquela casa vai começar filmando dentro de poucos dias.

Ainda não foi escolhido definitivamente o restante elenco da película, sabendo-se apenas que será dirigida por Edmund Goulding.

«Grand Hotel» será a sexta fita falada de Greta Garbo. As cinco anteriores foram «Anna Christie», «Romance», «Inspiration», «Susan Lenox» e «Mata Hari».

A «M-G-M» pensa fazer de «Grand Hotel» uma super-produção de grande luxo, estando a direcção artistica a cargo de Cedric Gibbons, architecto-decorador americano dos mais apreciados, de quem teem sido apresentados entre nós muitos trabalhos.



Efemérides da semana

22 a 29 de Janeiro

- Jan. 22 (1931) — Morre em Los Angeles a actriz Alma Rubens.
- 23 (1895) — Nasce em Boston, Mass., o actor Raymond Griffith.
- 24 (1898) — Nasce em Riga o realizador S. M. Eisenstein.
- 26 (1920) — Estreia-se no «Olímpia» e no «Chiado Terrace», de Lisboa, a fita «Charlot Bombeiro», com Chaplin.
- 28 (1925) — A actriz Gloria Swanson casa com o Marquez de La Falaise.

Pelas nossos Cinemas

O CONGRESSO QUE DANÇA (Der Kongress Tanz): — A «Ufa», incontestavelmente a primeira casa produtora da Europa, a única que, dentro das casas europeias conhecidas, trabalha com «organização», tem sido felicissima com as versões francesas que nos tem apresentado dos seus fonofilmes. De boa mascote lhe serviu «O Caminho do Paraíso», caminho aberto a uma série de filmes que são do melhor que o fonocinema nos tem dado. E, caso curioso, tem sido aquela casa alemã a que melhores filmes em língua francesa tem produzido (com excepção de duas ou três películas feitas por firmas de França), dando, assim, uma esplendida lição aos produtores franceses, os quais, no entanto, nem com tal incentivo parecem espicaçar os seus processos, de forma a conduzi-los a um desejável predomínio da qualidade sobre a quantidade...

«O Congresso qua dança» é um novo grandioso trabalho da «Ufa», é, talvez, a mais grandiosa das suas obras fonocinematográficas. Só a «Ufa» poderia, na Europa, arcar, presentemente, com a responsabilidade de uma tal produção, onde tudo é grandesa, onde tudo é luxo, onde tudo é riqueza, onde há um formidável trabalho de *mise-en-scene*, *mise-en-scene* mais no sentido teatral do que na aceção de realização filmica.

De toda essa riqueza, de todo êsse luxo, de toda essa grandesa, maneja proficientemente pelo realizador Erik Charell, sob o olhar prático e orientador



de Eric Pommer, resulta um cosmorama maravilhoso, uma série de quadros enebriantes de beleza visual, onde a gente se perturba se quizer escolher elementos preferidos de agrado, onde se não sabe o que mais admirar, se a alegria que permanentemente se respira no decorrer de todo o filme, que é uma successão de baforadas de ar puro a dar-nos a satisfação de viver, se a exuberância de toda aquela faustosa encenação, onde não foi despedido o mais pequeno acessório que pudesse contribuir para a riqueza uniforme da produção, revelando Erik Charell — que me afirmam director teatral de grande mérito e um mestre de baile de reputação firmada na Alemanha — um realizador de enormes possibilidades, se o desempenho, verdadeiramente colossal, de Lillian Harvey, que tem na agrotada Christel a mais completa interpretação de toda a sua carreira, inter-

pretação que maravilha pelo à-vontade, pela naturalidade que ela imprime a cada gesto da sua personagem, quer em diálogos ou cenas de conjunto, em que é sempre a figura central, sobre quem incidem todas as preocupações, *pivot* à volta do qual gira toda a atenção do público, sempre ripostando à maravilha, correcta e precisamente, quer em monólogos em que a sua graciosidade e as suas predisposições terpsicóricas recorram a sua figura e fazem dela um idolo que cada espectador fica adorando.

Se Erik Charell, na maior parte do filme, se preocupou mais com o aparato cénico, pretendendo deslumbrar com visões de grande efeito espectacular — e conseguiu-o amplamente — nem por isso deixou de dar a «O Congresso que dança» alguns trechos de bom cinema, onde existem pedaços da boa técnica que só os grandes realizadores possuem, onde não faltam quadros e sequências a demonstrarem claramente que uma boa dose de inteligência presidiu à sua produção. O *traveling* que acompanha a carruagem que conduz Christel à sua principesca residência (e, entre parentesis, que encantadora fotografia, aquela em que a carruagem aparece silhuetada, marginando o rio!); a última reunião do Congresso, em que os delegados se afastam ao convite das deliciosas valsas, deixando apenas as cadeiras baloiçando-se no mesmo ritmo musical; a mutação da cena dos bailados populares fundindo-se com a dos baletis russos no Teatro da Ópera — prodígio cinematográfico que envergonha os mais modernos e avançados processos teatrais; e outros, alguns outros quadros, são felicissimas e evidentes provas da grande imaginação e inteligência de que Erik Charell pode dispor no manejo da camera e do microfone.

A destacar em «O Congresso que dança» o conjunto interpretativo onde todos são esplendidos artistas. Lillian Harvey, de que já falei, e que tem aqui o seu maior desempenho; Henry Garat, que, não sendo o magnífico intérprete de «O Caminho do Paraíso» e «A's Ordens de Vossa Alteza», tem, no entanto, no seu duplo papel, motivos amplos para ser posto em evidência; Armand Bernard, que continua afirmando-se um extraordinário cómico, que o público já fixou; Pierre Magnier, artista consagrado que interpreta comedidamente Metternich — esplendidos os seus comentários na censura da correspondência; Lil Dagover, de aristocrática beleza e Robert Arnoux, talvez o mais fraco, mas defendendo-se do ingrato personagem do apaixonado secretário, todos formam um conjunto do maior agrado, elemento de primordial colaboração no exito do filme.

Perturbando, embora que muito superficialmente, a excelência da produção, apenas a isenção de peripécias que façam ressaltar o valor da história, que aparece pouco desenvolvida — narrativa demasiado concentrada, a dar saliência aos quadros espectaculosos; e, o que se me afigura mais prejudicial, o remate da obra. Aquele regresso de Napoleão a França e a retirada dos congressistas

para os respectivos países, surgem intempestivamente e precipitam, cinegráficamente, a acção. Mas tal precipitação perdoa-se e esquece-se ante as outras qualidades, maravilhosamente belas, desta super-produção. E até no quadro final da despedida, que a certos espectadores pareceu contrariar (se calhar, queriam que o Czar da Rússia casasse com a luveira!...), perfeitamente humano, não falta uma inteligente cooperação sonora — a valsa cantada, que explica:

*Ce n'est qu'un rêve, un joli rêve,
Mais bien trop beau pour qu'il soit vrai!
C'était un songe, un joli songe,
Qui s'évapore et disparaît!*

Autores: N. Falk e Robert Liebmann. Cenaristas: Os mesmos. Adaptador francês: Jean Boyer. Autor musical: Werner Heymann. Realizador: Erik Charell. Intérpretes: *Christel*, Lillian Harvey; *Alexandre I. da Rússia*, Henry Garat; *Uralsky*, Henry Garat; *Bibikoff*, Armand Bernard; *Metternich*, Pierre Magnier; *Pepi*, Robert Arnoux; *A Conaessa*, Lil Dagover; *Tayllerand*, Jean Dax; *A Princesa*, Odette Talazac; *O Ministro das Finanças*, Sinoel; *O "Maitre" de Viena*, Paul Olivier; *O Cantor*, Tarquini d'Or. Produzida em 1931 pela «UFA» (Erich Pommer). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, L.da. Estreada do «Águia d'Ouro» em 18 Janeiro 1932.

O AMOR ENTRA PELA JANELA (Oh, for a man!) — Aproveitando o nome de Jeanette MacDonald, que é, de facto, no cinema sonoro, um elemento muito apreciável, que já conquistou o público suficiente para lhe dar a categoria de *box-office attraction*, graças à sua voz primorosa, à elegância do seu porte, à sua beleza e ao seu talento histriónico — porque, é preciso não esquecer, Jeanette MacDonald tem dado provas de uma grande actriz de comédia — aproveitando o nome de Jeanette Mac-



Donald, dizia, a casa «Fox» fez uma comédia ligeira, sem grande envergadura nem responsabilidades criadoras, onde aquela actriz brilha, mas sózinha, despidida de quaisquer elementos que a suportem e deem ao filme o centro de gravidade necessário à sua estabilidade...

O cenário apresenta-se como o ponto fraco da obra. O argumento que lhe serve de base tem qualidades que poderiam ser o fulcro de uma realização fílmica de mérito, se estivesse cenarizado com saber ou, pelo menos, com habilidade. Mas todo o recorte cénico é da mais extrema banalidade, a continuidade é feita, na sua maior parte, à custa de quadros bastante dispensáveis, e, no todo, é de um convencionalismo que apenas com muito boa vontade se suporta.

Jeanette MacDonald é, como digo, o único valor do filme. Canta maravilhosamente, e, como o realizador Hamilton

MacFadden não abusou das suas qualidades líricas, é uma delícia ouvi-la. E no desempenho propriamente dito, evidenciou bem o seu grande valor de comediante. O seu desespero pela vulgaridade dos amores que se lhe proporcionam, o seu desejo de uma paixão forte, por que suspira de há muito, a sua alegria, quando conquista o homem que ama, a sua tristeza quando se vê abandonada, e outras mutações do seu estado d'alma, vivem a mais perfeita exteriorização em Jeanette MacDonald, que se afirma tam primorosa actriz como excelente cantora.

Mas é só.

Reginald Denny adaptou-se mal ao papel de profissional do roubo por quem se apaixona a cantora. Actor especializado na comédia, na comédia cómica, não se sente bem na capa daquela personalidade pouco simpática que passa todo o filme de mau humor. Parece que os seus gestos são forçados, que a rigidez das suas atitudes o incomodam grandemente, como colarinho engomado em pescôço de salão... Foi francamente mausinho, porque mau é já o papel que lhe confiaram.

Marjorie White, mocidade radiosa que gosto de admirar depois que a vi em «Sonho Cór de Rosa» e «1980», aparece fugidamente, numa figura muito aquém do seu valor. E é pena.

«O Amor entra pela janela» é uma comédia musical que não vai muito além da mediocridade. E se a ultrapassa, deve-o a Jeanette MacDonald, que é uma actriz de grandes recursos, que se vê com o maior prazer.

Autor: Mary F. Watkins — «Stolen Thunders». Cenaristas: Philip Klein e Lynn Starling. Fotógrafo: Charles Clarke. Director de som: E. Clayton Ward. Realizador: Hamilton MacFadden. Intérpretes: *Carlota Manson*, Jeanette MacDonald; *Barney*, o *gatano*, Reginald Denny; *Laura*, Alison Skipworth; *Totsy*, Marjorie White; *O boxeador*, marido de *Totsy*, Pug Morini; *Frescati*, professor de canto, Bela Lugosi; *Robert*, agente de *Carlota*, Albert Conti; *O maestro*, André Cheron.

Produzida em 1930 pela «FOX» Programa Companhia Cinematográfica de Portugal (Secção FOX). Estreada no «Trindade» em 19 Janeiro 1932.

OS CIVILIZADORES — (Fighting Caravans) — Depois de «Caravana Gloriosa», que há anos foi apresentada com Warren Kerrigan e Lois Wilson, nunca mais vi uma fita que a sobrepujasse, no género. «Os Civilizadores» assemelha-se-lhe no entrecho, mas é um pálido reflexo da realização, tam pálido que nem sequer chegam a impressionar-nos intimamente alguns quadros que possui de certa majestade visual, que uma boa fotografia esmalta.

A acção é toda conduzida por diálogos, conversa permanente que fatiga, cenas que monotonizam pela sua repetição, apenas suavizadas, no final, pelo

combate travado com os índios, que é o clou da película.

Otto Brower e David Burton, que a dirigiram, mostram-se pouco familiarizados com a técnica do fonocinema e não produziram trabalho digno de apreço.

Gary Cooper e Lily Damita, nas figuras aparentemente primordiais, muito abaixo das suas possibilidades. Destacam-se no desempenho Ernest Torrence e Tully Marshall, dois veteranos que se impõem por um notável desempenho — e



esses, sim, são, na verdade, os dois principais intérpretes.

E é só.

Autor: Zane Grey. Cenaristas: Edward E. Ramore Jr., Realizadores: Otto Brower e David Burton. Intérpretes: *Clint*, Gary Cooper; *Felice*, Lily Damita; *Bill*, um *guia*, Ernest Torrence; *Jim*, outro *guia*, Tully Marshall; *Lee Murdock*, Fred Kohler; outros intérpretes: Eugene Palette, Roy Stewart, May Boley, James Farley, James Marcus, Eve Southern, Donald MacKenzie, Sid Saylor, Frank Campeau, E. Allyn Warren.

Produzida em 1930 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Olimpia» em 18 Janeiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Conrad Veidt, que ainda há pouco vimos em «Os 13 heróis», vai aparecer no Teatro «Volkstheater», de Viena, interpretando a peça de Hermann Rossmann «Flieger» («Aviador»). A estreia terá lugar em 6 de Fevereiro.

Na América, estão tratando de sincronizar com música e diálogo a antiga fita alemã «O Gabinete do Dr. Caligari». O diálogo está sendo escrito por William A. Bacher, e a música por Hugo Riesenfeld, o director musical da «United Artists».

Lupe Velez está interpretando a versão espanhola da fita «Men in Her Life» («Homens na sua vida»), da «Columbia». Ramon Pereda é o primeiro actor.

O realizador russo W. Tourjansky, de quem vimos há pouco «L'Aiglon», vai produzir para a «Osso» uma fita intitulada «Le Don Juan du Métro».

«Se uma pessoa surda compreender bem uma fita falada, é porque essa fita está basicamente bem feita. A fita que precisar de ser ouvida para ser compreendida, está defeituosa. O diálogo e efeitos sonoros devem servir apenas para realçar o valor visual da película».

— Rouben Mamoulian, realizador do filme «Ruas da Cidade».



A vida íntima de Mary Brian

Mary Brian é uma dessas rapariguinhas ingénuas e sossegadas, — mas não se esqueçam de que estas raparigas inocentes e adoráveis são as que causam mais transtorno e fazem perder a cabeça aos homens... Em Hollywood, por exemplo, esteve em moda Rudy Vallee, conhecido pelo nome de «rei do saxofone», e que conseguiu alvoroçar o elemento feminino da Cinelândia... As «vamps» tinham requêbros airosos e deitavam-lhe olhadelas devoradoras... As «flappers» abraçavam-o quando acabava de tocar no seu saxofone, e até lhe davam sonoros beijos... As casadas suspiravam com melancolia por não poderem fazer nada... E as solteironas já entradas em idade sofriam síncope ao ouvir pelo rádio as suas canções de amor...

C Trouxeram da Califórnia este ladrão de corações femininos para actuar na película «The Vagabond Lover» — («O amante vagabundo») —, e foi num jantar que conheceu **I** Mary Brian... Rudy Vallee teve de permanecer sentado durante as horas seguidas que duraram os sete pratos do jantar, e foi um verdadeiro suplício ter de esperar tanto tempo para ser apresentado à encantadora Mary... Há quem diga que depois compensou o tempo perdido, — pois Mary, a ingénua, conseguiu conquistar o seu coração... Quando Rudy contempla os olhos grandes e azuis de Mary, perde-se na sua admiração e até se esquece do seu pobre saxofone...

M Comem juntos com frequência e Rudy levou-a uma vez **A** ao circo: viram-nos de mãos dadas, como os petizes que veem da escola... Levavam pacotes de «bombs» e chocolates... Não deixaram de ver nenhuma das atracções do 12 circo, viram o homem mais alto do mundo, a mulher mais

gorda, os anões mais pequenos, — tudo o que chamaria a atenção das crianças... Deram de comer aos elefantes na palma da mão e estavam tam contentes que, quando menos o esperavam, um relógio perto bateu as onze horas da noite, com grande pesar dos dois jôvens, porque Mary não se esquece que tem de trabalhar e que são horas de recolher.

Nada dá a entender que Mary Brian fôsse tam agarrada aos regulamentos e aos horários. Por exemplo, uma das coisas de que ela mais gosta é de dançar, e nestas reuniões, por mais divertida ou contente que esteja, nada a faz esquecer da sua hora de descanso: — eis uma força de vontade que nem toda a gente tem!...

Quando Mary Brian toma o almoço no restaurante dos estúdios da «Paramount» e saboreia o seu prato predileto, — uma salada de frutas —, várias pessoas intentam saber se é verdade que se vai casar com Rudy Vallee...

Quando Mary filmava «The River of Romance», com Charles Rogers, ia muito a miúdo com êle a certas reuniões, teatros, etc.; e logo o compromisso do seu casamento foi anunciado, comentado e discutido tantas vezes que o resultado foi muito natural: os convites de Charles passaram a ser aceites com menos frequência, até que os dois jôvens deixaram de andar juntos. Ainda são bons amigos, mas já não dançam juntos no Coconut Grove ou no Roosevelt Hotel... Os boatos fizeram acabar um romance, que talvez tivesse começado com rissonhas promessas...

Mary Brian é uma das estrelas mais populares; e por isso, desde os ajudantes do assistente do «cameraman» até ao todo poderoso senhor Lasky, todos buscam uma oportunidade para falar com ela e para obter um dos seus carinhosos sorrisos, — e Mary sabe sorrir com uma doçura tam encantadora!...

Duas atitudes de Mary Brian, a formosa ingénua de Hollywood





JOAN CRAWFORD

«Vénus de Hollywood», é uma das mais consagradas actrizes do cinema da América. Aqui apresentamos uma das mais recentes e mais bonitas fotos da linda esposa do feliz Douglas Fairbanks Junior

Os antepassados de Mary Brian estabeleceram-se na América há mais de cem anos e ela possui entre os seus mais valiosos adôrnos algumas joias que foram da sua bisavó. É famosa a sua coleção de joias antigas; tem colares de corais e opala, e anéis e de braçôes, valiosíssimos.

Passífica e dócil, os fotógrafos nunca teem grande dificuldade para fazerem os seus «clichés», pois ela posa com muita naturalidade e sem afectar atitudes exquísitas.

As suas côres favoritas são o cinzento, o verde, o azul e o amarelo. Tem trabalhado continuamente na filmagem de películas desde que ganhou um concurso de beleza e ainda não teve oportunidade de praticar nenhum «sport». Sabe montar um pouco a cavalo, nada alguma coisa e é a pior jogadora de «tennis».

Mas quando se trata de um bordado à mão ou de condimentar um saboroso prato, Mary não tem rival.

A sua casinha não é sumptuosa nem extravagante, mas está mobilada com gosto. Vive com sua mãe e com um irmãozinho, Taurence.

Taurence não tem a intensão de seguir a carreira da irmã; por enquanto o seu interesse está concentrado em terminar os seus estudos na Universidade, e é ele quem guia o «Buick» da família.

São tantas as estrélas do cinema que não tiveram a oportunidade de frequentar a Universidade, que as poucas afortunadas formaram um clube para se conhecerem e para se divertirem. Entre os membros deste clube figuram os nomes de Jubyna Ralston, Sue Carol, Marion Nixon e Ester Ralston.

Ester Ralston é a amiga íntima de Mary, e na sua casa há um aposento a que chamam «o quarto de Mary Brian». De vez em quando, Mary vem visitar a sua amiga, — e então brincam como duas crianças... Falam e jogam tanto!...

Uma das outras qualidades que tem Mary além dos seus bordados e da sua arte culinária, é a sua habilidade para pintar, a lapis ou a tinta. Quando espera entre a filmagem de duas cenas faz desenhos dos outros actores que trabalham na sua companhia.

Como veem, Mary Brian não é uma estréla exquisita nem orgulhosa...

A fábrica de gramofones «Brunswick», que é subsidiária da «Warner Brothers», vai apresentar no mercado americano um aparelho-combinação de rádio, victrola e projector cinematográfico de película de 16 m/m, com aparelho de reprodução sonora por disco e filme.

Walter Hiers, o avantajado actor que vimos em algumas antigas comédias americanas, interpreta um dos papeis da fita «Dancers in the Dark» («Dançarinos na escuridão»), que a «Paramount» está produzindo com Miriam Hopkins, Jack Oakie e Eugene Palette.

O actor e director alemão Luis Trenker, cujo filme «Monte em Chamas» ainda há pouco obteve o 5.º lugar no concurso do jornal «Der Deutsche», partiu no dia 5 de Janeiro para a América, aonde vai, contratado pela «Universal», fazer uma versão inglesa daquela fita.

O Congresso que dança

1815... Napoleão, exilado na ilha de Elba, padece as torturas da nostalgia... A Europa, que por longo tempo tinha estado subjugada pelo grande imperador, começa uma vida nova... Todas as nações do velho continente se fazem representar em Viena pelos seus soberanos ou homens de estado mais notáveis, e um Congresso vai decidir da sorte da Águia abatida e do futuro da Europa. Isto equivale a dizer que durante algum tempo Viena foi o centro do mundo, e que todos os olhares para ali convergiam...

Cada dia que passa fica assinalado pela chegada dum novo soberano, e a cidade parece viver numa perpétua festa e sob uma chuva de flôres e uma tempestade de aclamações...

As salvas de boas-vindas ressoam em honra do tzar Alexandre I da Rússia... As ruas e as janelas estão cheias de gente que espera o jovem soberano.

Christel, uma engraçadinha vende-

tas, o rufar dos tambores e as aclamações de uma multidão em delírio, o tzar recebe nos joelhos um projectil, que depois vai cair no chão. — «Salve-se quem puder», grita a multidão. «É uma bomba!» Agarram Christel e levam-a ao corpo da guarda próximo, onde, pela aplicação da lei marcial, é condenada a receber vinte e cinco açoites... Pepi interveem junto do tzar, que se diverte imenso com aquela brincadeira e vai tirar Christel das mãos do carrasco...

Diante desta criança adorável, o tzar sente o seu coração bater com impetuosidade e resolve ir incógnito aos jardins de Heurigen beber uma caneca de cerveja com Christel...

Metternich, informado de tudo o que se passa em Viena, fica radiante com este idílio: um tzar amoroso não ligará grande importância ao Congresso e Metternich poderá pescar nas águas turvas... Mas não contou com a esperteza de Alexandre e do seu ajudante Bibikoff, que

se fizeram acompanhar de Uralsky, — o sócia do tzar que substituirá o soberano nas ocasiões críticas.

No dia seguinte, começa a alegria de Christel: uma magnífica carruagem espera-a à sua porta para a conduzir, no meio da admiração geral, a um palacete nos subúrbios de Viena, onde a pobre rapariga vai de admira-

ção em admiração... É um presente do tzar. Christel fica dóida de alegria... Até já se vê imperatriz de todas as Rússias!...

No mesmo dia, o tzar faz-lhe uma visita. Mas com muita surpresa nota que ele está tam frio e ceremonioso como no dia antecedente estava cheio de alegria, conversador e galante... Alexandre I tinha mandado o seu sócia à entrevista para poder assistir à sessão do Congresso...

Durante a representação de bailados russos nessa noite, e no dia seguinte, numa festa grandiosa onde se vendiam beijos em benefício dos pobres de Viena, também o astucioso tzar se fez substituir pelo seu sócia... E só quando viu Christel avançar para abraçar o falso tzar, mandou chamar Uralsky e foi ele próprio oferecer os seus lábios ao beijo da vendedeira de luvas. Christel, repleta de felicidade, suplica ao tzar que o leve para S. Petersburgo...

Durante todo este tempo o Congresso, que não se interessa muito com as várias questões apresentadas à discussão, diverte-se e dança perdidamente... E Metternich pôde com facilidade urdir a



deira de luvas, preparou um magnífico «bouquet» para lançar na carruagem imperial. Como todos os outros riais visitantes, Alexandre receberá um ramo de flôres e lerá no papel que o envolve que «as mais bonitas luvas se vendem no armazem «A la jolie bergère»... Christel tem habilidade para a publicidade e não se importa com as ordens formais e a cólera de Metternich... É em vão que Pepi, o secretário e braço direito do ministro, tenta chamar Christel à razão... Nada consegue... A rapariga decidiu arremear a Alexandre I o seu «bouquet-réclame», e ninguém a poderá impedir de satisfazer o seu capricho...

Com efeito, quando passou a carruagem imperial, entre o som das trombe-

O Congresso que dança

Produção Eric Pommer da UFA, distribuída pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Lilian Harvey... Christel
Henry Garat... Alexandre I da Rússia
Armand Bernard Bibikoff

= Lillian Harvey fala de «O Congresso que dança» =

A leitura do «cenário»

Sobre a minha mesa de trabalho estava o manuscrito da nova produção sonora da «Ufa» inaugurada por Erich Pommer. Na capa, de pele róxa, estava gravado em letras negras o título: «O Congresso que dança». Uma hora de solidão e de descanso, — raramente as temos na nossa vida! —, permitiram-me sentar-me à mesa de trabalho com tranquilidade de espírito, para ler o «cenário» que brevemente iria interpretar.

Chamou-me a atenção imediatamente a alegre tonalidade róxa da capa do manuscrito. O título, por outro lado, não tinha nada de repelente, de macabúbio... Que melhor modo de passar umas horas em descanso senão dedicando-as a folhear o cenário da minha nova produção?

Não se tratava de estudar mas sómente passar os olhos pelas folhas acinzentadas onde se escondia todo o segredo. A curiosidade, nêstes casos, sente-se sempre atraída por coisas secundárias, sem grande importância... Qual ia ser o meu nome? Christel Weinzinger...

Nome tipicamente Vienense, de rapariga Vienense e de classe modesta... Não me desgostava a sonoridade, mas o nome por si só não dizia quasi nada... A profissão? Vendedora de luvas...

Havia já alguma coisa na profissão, — um éco de «coqueterie» e de elegância, que não me desgostava... Mas, a-final de contas, a uma vendedora de luvas podem suceder as coisas mais diversas e contraditórias... Talvez os amores que ia ter, — porque é difícil de imaginar uma vendedora de luvas vienense sem amôres... —, me indicassem alguma coisa mais precisa sobre o carácter do personagem. De quem tinha obrigação

trama das suas astuciosas manigâncias... Mas um dia, um mensageiro coberto de pó abre passagem por entre os pares que dançam... Quere falar com Metternich... Num instante, a nova espalha-se assustadoramente: Napoleão, evadido da ilha de Elba está em França!... A luta da Europa inteira contra o grande imperador vai recommençar mais cruel e implacável... E o sonho de uma bonita vendedora de luvas desfaz-se, com o barulho dos clarins e das vozes de «às armas»... Alexandre I sai de Viena...

Christel não será tzarina, mas o bravo Pepi esforça-se por lhe fazer esquecer esta decepção, pretendendo fazer dela a companheira da sua vida...

de me enamorar para dar cumprimento ao destino que o autor do manuscrito me havia deparado?... Nada mais nada menos do que Alexandre I, tzar de todas as Rússias!...

E' assim que sempre começo a ler um cenário para me começar a inteirar da minha interpretação. Depois procuro averiguar das situações agradáveis e desagradáveis em que me tenha de encontrar. Entre estas últimas nenhuma mais terrível do que os 25 açoites a que me vi condenada na página 47. Estive a ponto de deitar fóra o manuscrito, mas contive-me, e preferi deitar uma olhadela pela página 80, cuja ponta aparecia atentamente dobrada pelo autor. — Quando os autores chamam a atenção de um artista sobre uma cena determinada, é porque seguramente nesta cena acontecerão coisas muito agradáveis, — especialmente para a sua vaidade de mulher...

A regra geral não falhou nesta emergência...

«O carro espera e um laçao pede à menina Christel Veinzinger o favor de subir. O carro condu-la ao palacete que o tzar lhe oferece». Assim rezava o manuscrito...

Isto já é outra coisa, pensel em seguida. Receber presentes de um imperador é certamente uma coisa muito agradável, e quando estes presentes se trans-

formam em palácios e em carruagens, a satisfação é cada vez maior... A vendedora de luvas estava a converter-se na favorita do imperador, guiada pela mão invisível de um destino propício, de uma fada bemfazeja... Fiquei imediatamente a simpatizar com a cena e com as possibilidades que se me ofereciam, e li duas, três, quatro vezes, — e fiquei ansiosa por chegar o momento de filmarmos, tantas eram as esperanças e as ilusões que havia posto naquelas cenas...

Estas esperanças não ficaram desfalcadas perante a realidade. O genial director de cena Erik Charell havia architectado um ambiente digno do conto de fadas, segundo as instruções de Norbert Falk, o autor do argumento. Werner Richard Heymann, pela sua parte, havia escrito para esta cena a mais deliciosa das partituras. Só faltava a realização cénica, — cantar e dançar o que o músico e o poeta haviam escrito...

Muitos são os momentos de prazer, de satisfação com o meu próprio trabalho, que a cinematografia sonora me tem proporcionado. Mas as horas passadas na filmagem desta cena extraordinária deixaram no meu espírito uma lembrança que difficilmente poderá extinguir-se.

...Oxalá aconteça o mesmo aos espectadores!...

LILLIAN HARVEY.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Ultimas A SEVERA o maior sucesso
exibições A SEVERA do cinema
de A SEVERA português

Terça-feira, 26, estreia da super-produção

O Brazil Maravilhoso

um filme extraordinário que ninguém deve deixar de ver

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 1

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

- TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 28 e 30 de Janeiro
- OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 28 e 30 de Janeiro
- PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 28 de Janeiro
- BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 28 de Janeiro
- CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 30 de Janeiro

CINEMA 15

Castelo Lopes, L^{da}

apresentou já esta temporada

O Senhor Director

comédia musical de W. Thiele,
falada e cantada em francês, com

MARY GLORY, JEAN MURAT e ARMAND BERNARD



Ressurreição

da obra de Tolstoi, super-produção da
«Universal», falada em espanhol, com

LUPE VELEZ e GILBERT ROLAND



Rato d'Hotel

comédia musical falada e cantada
em francês, com a encantadora

BETTY STOCKFIELD

e os grandes artistas franceses

ROLAND TOUTAIN e RENÉ KOVAL



**três filmes que são
três autenticos sucessos**